

Aula de Campo e Ensino de História

Field Class, Teaching History and Cultural Heritage

Francisco Estevão da Silveira Penha¹

¹ <https://orcid.org/0009-0000-5307-719X>, Universidade Estadual do Ceará, silver28ce@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa tem por finalidade analisar e avaliar a efetividade das aulas de campo no ensino de História, entender o patrimônio cultural como recurso didático-pedagógico, investigando o impacto dessa abordagem educacional no engajamento dos alunos, na assimilação dos conteúdos históricos e na valorização do patrimônio, visando contribuir para a melhoria da prática pedagógica e promover a preservação do legado cultural. O objeto de estudo será a Escola Municipal Catarina Lima da Silva, próxima ao histórico bairro da Parangaba, na cidade de Fortaleza-Ceará. A pesquisa é classificada como aplicada, exploratória e qualitativa-quantitativa e análise de dados secundários. A pesquisa propõe também analisar como as aulas de campo podem contribuir como referência histórica e pertencimento de lugar no bairro onde a escola está inserida, onde o aluno mora ou próximo a locais reconhecidos por suas referências históricas. Os dados empíricos serão coletados mediante entrevistas, observações e análises da relação teoria e prática.

Palavras-chave: Patrimônio cultural; Aula de campo; Ensino de história.

ABSTRACT

This research aims to analyze and evaluate the effectiveness of field classes in teaching History, understanding cultural heritage as a didactic-pedagogical resource, investigating the impact of this educational approach on student engagement, assimilation of historical content and appreciation of heritage, aiming to contribute to the improvement of pedagogical practice and promote the preservation of cultural legacy. The object of study will be the Catarina Lima da Silva Municipal School, close to the historic neighborhood of Parangaba, in the city of Fortaleza-Ceará. The research is classified as applied, exploratory and qualitative-quantitative and secondary data analysis. The research also proposes to analyze how field classes can contribute as a historical reference and place belonging in the neighborhood where the school is located, where the student lives or close to places recognized for their historical references. Empirical data will be collected through interviews, observations and analysis of the relationship between theory and practice.

Keywords: Cultural heritage; Field class; Teaching history.

1. INTRODUÇÃO

Em 2023, a Prefeitura de Fortaleza lançou um edital para a seleção de auxiliares de pesquisa em cooperação com o mestrado em História, Cultura e Espacialidades da UECE, por meio do programa Observatório da Rede Oficial de Ensino do município de Fortaleza, dirigido aos servidores do quadro de provimento efetivo do grupo magistério. Ao ler o edital, deparou-se com o tópico "Aula de campo, tour pedagógico", que se refere à narrativa urbana e ao uso do

patrimônio cultural no ensino de História. Aula de campo e o tour pedagógico é um projeto desenvolvido e proposto por um grupo de professores da UECE que fizeram uma parceria com a SME.

O tema aula de campo foi proposto pelo professor Dr. Gleudson Passos baseado em outro projeto chamado História em Campo sob sua coordenação. O referido projeto está ligado ao PPGH. O tour pedagógico surgiu como temática em uma discussão do projeto História em Campo e está ligado ao Laboratório de Narrativas Históricas (LNH) da UECE.

A escolha do tema foi acertada, já que o pesquisador em questão, tem trabalhado o tema por vários anos em sua trajetória profissional, via projetos. O tema da pesquisa foi, inicialmente, indicado, mas, ao longo das aulas do mestrado, e com a experiência profissional e liberdade intelectual, acabou sendo aperfeiçoado. A partir dele surgiu o artigo: Aula de Campo e Ensino de História, desenvolvido na escola Catarina Lima da Silva, no bairro Bom Jardim, entre 2022 e 2024.

O tema do artigo proposto, dialoga com o projeto História em Campo, desenvolvido pelo professor Dr. Gleudson Passos, professor da UECE. Existe desde 2018 e atende às escolas, instituições culturais, grupos sócio, profissionais e pessoas interessadas em conhecer mais sobre pontos históricos de Fortaleza e região metropolitana e, agora também, interessados em conhecer o campus Itaperi. O objetivo é realizar aulas de campo e visitas técnicas, abordando temas históricos e culturais, conforme as demandas do solicitante.

O projeto enfatiza uma educação histórica dinâmica utilizando as aulas de campo como ferramenta de ensino, realizando um diálogo entre teoria e prática no ensino da história, ultrapassando os muros da escola e propiciando o contato

direto com o patrimônio vivo da região. Ao longo da pesquisa será feito uma parceria entre o Clube do Historiador e o projeto História em Campo e o resultado será apresentado em um dos tópicos da dissertação. Através da pesquisa procura-se discutir como a aula de campo poderá contribuir como ferramenta pedagógica para valorização do patrimônio cultural do bairro Parangaba e da cidade de Fortaleza. Pretende-se responder os motivos desta metodologia ser pouco utilizada pelos professores de História. Aspira-se em demonstrar como a metodologia aumenta o interesse dos alunos pelas aulas e facilita a assimilação dos conteúdos. Propõe-se também analisar como a aula de campo contribui como referência histórica e cultural para uma ideia de pertencimento de lugar.

Será abordado a sensibilidade dos alunos do Ensino Fundamental em relação ao bairro Bom Jardim onde a escola, Catarina Lima da Silva, está localizada e ao histórico bairro da Parangaba que os alunos têm como referência histórica mais remota e onde algumas aulas de campo ocorreram no início da pesquisa. Através desse recurso foram feitos o reconhecimento dos patrimônios culturais existentes em suas realidades. Pretende-se também desenvolver a compreensão de pertencimento à cidade, a partir do que os alunos veem no seu entorno (rua, bairro, objetos, gastronomia e práticas de sociabilidades, etc.) enquanto sua história de vida que se insere num processo histórico mais amplo. Pesavento indica que as sensibilidades não partem do conhecimento científico, do racional, mas se constituem através das experiências humanas, as quais mobilizam o corpo, as sensações, os sentimentos e as emoções em relação aos acontecimentos físicos ou psíquicos. Por outro lado, estão vinculadas à manifestação do pensamento, onde a percepção de um certo momento está relacionada a uma outra lembrança. Dentro desse contexto, é relevante a referência que ela traz sobre a proposição de Roland

Barthes, ao estabelecer as diferenças - mas também a indissociabilidade - entre “studium” e “punctum”, ou seja, entre o campo do saber e da cultura (práticas sociais) e aquele das emoções (subjetividades), como formas de conhecimento do mundo. Pensando em uma certa “estrangeiridade” com o que se passou em um outro tempo e em relação ao ‘outro’, a autora inclui um elemento importante articulado ao conceito de sensibilidade: a alteridade. (PESAVENTO 2003).

Outros questionamentos que se procura responder é sobre os motivos dos documentos curriculares oficiais como a BNCC, os planos de ensino de história e os planos municipais de ensinos não proporem uma educação patrimonial nas escolas sendo menos discutidos ainda na disciplina de história e mais presente nas disciplinas de arte, português, geografia e até mesmo educação física.

O texto trará um debate com a educação e o ensino de história. Para isso foram utilizados os pensamentos de alguns teóricos como: Circe Bittencourt em sua obra Ensino de história: fundamentos e métodos (2018) e Saber histórico em sala de aula (1997) da Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt com considerações pertinentes à pesquisa. Outros teóricos utilizados no debate sobre a importância da aula de campo foram: Martinez (2007), Vesentini (2008), Compiani (1993) e Carneiro (2001) e Daniela Leal (2021) entre outros. No campo educacional contribuíram Newell (1998), Jean Piaget (1997) e Almeida Júnior (2008).

As correntes de pensamento que nortearão o estudo, serão a História Cultural e a História do Tempo Presente. Graças a História Cultural, as suas metodologias e fontes será possível abordar as histórias de vida dos alunos e

metodologias dos professores, mediante depoimentos orais que se constituem como peça essencial para esta pesquisa e que serão abordadas neste trabalho.

Outra abordagem será a História do Tempo Presente. Um dos pensadores dessa corrente de pensamento, o autor Carlos Fico, apresenta em seu artigo “História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis”, às peculiaridades e a pressão dos contemporâneos pela verdade, já que o conhecimento histórico poderá ser confrontado pelo testemunho que viveu o fenômeno. O sujeito e o objeto de estudo estão na mesma temporalidade (FICO, 2012, p. 46-47). Uma maneira de suavizar essa questão é um certo afastamento do objeto de estudo. Esse questionamento e cuidado será levado em consideração no momento das entrevistas com os depoentes, pois uma situação será o fato histórico ocorrido e outro será a memória pessoal. Um dos grandes desafios dos historiadores ao trabalhar fatos contemporâneos é a dificuldade do recorte de tempo. Trabalhar com a História do Tempo Presente é se preocupar com questões que gostem ou não, os historiadores por muito tempo interessavam aos sociólogos e cientistas sociais.

No debate teórico metodológico será apresentado a História Cultural, o ensino de História e a aula de campo. Para isso, haverá uma apropriação da História Cultural⁴, através dos conceitos de sensibilidade e representação, para através deles, vislumbrar o que o ensino de História proporciona e desperta nos alunos. Essa sensibilidade e representação ocorre no momento que o discente observa a cidade e o bairro Parangaba, a sua própria rua e o centro de Fortaleza. Quando o aluno tem uma referência desses lugares, começa a perceber as transformações e também como ele se situa em um espaço maior chamado cidade de Fortaleza, percebendo-se como sujeito histórico e urbano.

Na metodologia foram feitas análises estatísticas por meio de gráficos, mediante uma pesquisa feita no scopus sobre o interesse pela temática, uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de patrimônio histórico e cultural, aula de campo como ferramenta pedagógica e um debate sobre as matrizes curriculares e sua inclusão na educação patrimonial. Realizou-se uma aula de campo para o bairro Parangaba, através do Clube do Historiador. Outras aulas de campo serão realizadas, inclusive uma em parceria com o projeto História em Campo da UECE. Na metodologia serão aplicados questionários para alunos e professores sobre o que pensam sobre esta metodologia em estudo.

Quanto às fontes, foi feita uma pesquisa hemerográfica em alguns jornais da cidade como O Povo, Diário do Nordeste e Tribuna do Ceará sobre a origem do bairro Parangaba. Foram examinados mapas antigos e atuais do bairro em estudo e da cidade de Fortaleza, fotografias antigas e atuais e documentos da época do Arquivo Ultramarino. Na escola foram analisados planos de aula e de ensino, projetos de professores, documentos oficiais como o PPP e dados sobre o perfil socioeconômico dos alunos. Foram realizadas algumas entrevistas com alunos e professores da escola em estudo a partir da metodologia da História oral. Outras entrevistas serão realizadas. Transformar a oralidade em fonte histórica é sempre desafiador ao historiador, requer cuidado, ética, acuidade na análise das informações, além do que a fonte se constrói no decorrer da coleta de dados. Até o momento foram realizadas algumas entrevistas e outras estão marcadas para o desenvolvimento da pesquisa.

O artigo foi desenvolvido a partir da pesquisa de mestrado que está dividida em três capítulos e seus respectivos tópicos e subtópicos. No primeiro

capítulo, será abordado uma revisão bibliográfica da aula de campo como ferramenta pedagógica nas aulas de história, os conceitos de patrimônio cultural, a relação do IPHAN e a educação patrimonial, um debate sobre patrimônio cultural e os documentos norteadores e como a temática vem sendo abordada. Em um dos tópicos é apresentado uma pesquisa sobre publicações envolvendo temas como patrimônio cultural e aula de campo e os níveis de interesse por essa pesquisa ao nível local e mundial, as dificuldades da organização e realização do estudo do meio e os desafios da escrita do historiador ao produzir uma pesquisa sobre a história do tempo presente e os cuidados com a Ego História.

No capítulo II As estratégias do clube do historiador e seus desafios tratará sobre as estratégias e desafios para manter o Clube do Historiador “vivo” e atuante, seu desafio de preservar e divulgar o patrimônio histórico, as ações do clube do historiador e as diversas ações realizadas.

No capítulo III será abordado o histórico do bairro da Parangaba e a sua importância para a cidade de Fortaleza. Será mostrado as atividades para montagem de uma aula de campo, desde a escolha dos lugares a serem visitados, temáticas e a montagem dos roteiros para a realização da aula. Um dos tópicos analisará a relação da aula de campo com a extensão universitária da UECE, através do projeto História em campo, proporá ações conjuntas e parcerias entre o Clube do Historiador e o projeto História em Campo. Outro tópico discutirá como os alunos perceberam e se apropriaram da aula de campo. Este tópico trará relatos de experiências sobre como os alunos entenderam e perceberam a aula de campo como referência histórica e o seu sentimento de pertencimento ao bairro. A relevância desta pesquisa transcende

o âmbito educacional, uma vez que o patrimônio cultural desempenha um papel fundamental na construção da identidade de uma sociedade e na preservação da memória coletiva. Portanto, esta dissertação busca preencher uma lacuna no conhecimento, fornecendo visões valiosas para educadores, gestores escolares e profissionais envolvidos no processo de ensino de história e na promoção do patrimônio cultural. A pesquisa também contribui para discussão mais ampla sobre métodos inovadores de ensino que promovem uma aprendizagem mais envolvente e contextualizada.

2. MÉTODO

A expressão "Patrimônio histórico" é uma forma de expressão latina que se origina do termo "patrimonium". O latim é composto por duas palavras: "pater", que quer dizer "patrocinador", e "monium". Dessa forma, "patrimonium" era uma expressão que se referia à herança ou à propriedade que os pais davam aos filhos. Ao longo do tempo, o termo foi sendo empregado em diferentes línguas, assumindo diferentes significados. O termo "patrimônio histórico" ganhou destaque no século XX, quando a preservação do patrimônio cultural e arquitetônico se tornou uma preocupação crescente em diversas sociedades.

A ideia de "patrimônio histórico" está intimamente relacionada à preservação e valorização de monumentos, edifícios, sítios arqueológicos e outros elementos relevantes para a história, cultura e artística. O objetivo desta abordagem é assegurar que as gerações futuras possam apreciar e aprender com o passado, reconhecendo o valor desses bens para a identidade e a memória de uma comunidade ou nação.

A palavra "patrimônio histórico" tem a sua origem etimológica na ideia de que a herança é transmitida de geração em geração. A evolução demonstra uma crescente importância dada à preservação do patrimônio cultural e histórico, o que reforça a necessidade de proteger e incentivar a apreciação desse patrimônio para as gerações futuras.

O conceito de patrimônio histórico e artístico nacional, por exemplo, foi introduzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1937. O IPHAN foi o responsável por estabelecer diretrizes e políticas para a preservação de diversos sítios e monumentos, o que tem um papel crucial na compreensão da história e cultura do país. A sigla IPHAN significa Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e tem uma relevante função na promoção da Educação Patrimonial no Brasil.

A metodologia de estudo de campo é uma abordagem amplamente utilizada na pesquisa científica. De acordo com Ludke e André (2017), essa metodologia envolve coleta direta de dados no local onde os fenômenos ocorrem, permitindo aos pesquisadores uma imersão no contexto estudado. Para Yin (2001), quando não se tem o controle sobre os eventos relacionados ao estudo; quando os acontecimentos estudados são contemporâneos; e as questões de investigação buscam responder a “como” e “por que”, a realização de estudos de casos é a escolha mais acertada.

O campo da pesquisa é a escola municipal Catarina Lima da Silva, localizada na Rua Pedro Martins, 313 no bairro Bom Jardim na cidade de Fortaleza. Segundo dados do Censo Escolar¹⁵, em 2022 o corpo discente era formado por 846 matrículas com turmas de 6 a 9 anos. O quadro de professores é composto por 48 professores, sendo 20 homens e 28 mulheres. Destes contabiliza-se, 40 efetivos e

08 temporários. Ao todo, funcionam 24 turmas, sendo 12 turmas pela manhã e 12 no turno da tarde.

Quanto à formação dos docentes, 45 são especialistas e 03 estão cursando mestrado na UECE. Dois cursam o mestrado em História, Cultura e Espacialidades, entre eles o pesquisador e o terceiro o PROPGEO. Eles deslocam-se dos mais variados bairros da cidade e de cidades da região metropolitana e nenhum mora próximo à escola. Ao todo, funcionam 24 turmas, sendo 12 turmas pela manhã e 12 no turno da tarde. (Projeto Político Pedagógico, 2023)

Os sujeitos históricos da pesquisa, são os alunos e professores que frequentam a escola. Os discentes são oriundos de uma estrutura familiar de classe baixa, filhos da classe trabalhadora e moradores de bairros periféricos do grande Bom Jardim, uma região da cidade violenta, marcada pelo desemprego, ruas sem estrutura e alta vulnerabilidade social. Onde muitos dos pais dos alunos estão envolvidos na criminalidade e alguns presos. Em termos populacionais, o GBL (Grande Bom Jardim).

8,33% da população de Fortaleza e 38% da população da área administrativa V (SER V). Esta área é a maior da cidade e concentra os piores indicadores sociais e econômicos. Observando o perfil da população, o território do GBJ possui um grande contingente populacional de pessoas na faixa etária de 0 a 29, em torno de 120.957 habitantes. A expressão proporcional desse número é a representação de que 60% da população total do Grande Bom Jardim é jovem (0 a 29 anos), sendo que do total dessa população 58% dela tem entre 0 e 17 anos, faixa de cobertura das garantias do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90). Ao mesmo tempo em que os jovens representam boa parte dessa população, são também eles as maiores vítimas da violência que caracteriza o GBJ. Os altos índices de violência registrados no bairro, reflexo da insuficiência de políticas públicas para as populações periféricas, encontram também seu reverso nas iniciativas que tentam minimizar e reverter o prejuízo social da região. As lutas por habitação, mobilidade, saneamento básico, educação, cultura e saúde mobilizam as comunidades e as expressões artísticas e culturais da juventude do Território. Na tentativa de dar vazão ao potencial artístico e criativo da região, o CCBJ soma-se ao coletivo de lutas e iniciativas que tentam transformar a realidade do bairro, por abrir espaço para divulgação, formação, pesquisa, produção, difusão cultural e circulação de produtos criativos e artísticos, ou seja, colaborar para a movimentação mais estratégica da cadeia produtiva cultural local.

Disponível em: <https://ccbj.org.br/sobre-nos/territorio-e-contex->

[social/](#)

A fonte acima, salienta que a maioria da população do bairro é formada por jovens na faixa etária de 0 a 29 anos e 58% têm idades entre 0 a 17, parte do universo que fará parte da pesquisa, pois a maioria dos alunos possui entre 11 e 15 anos. Informa ainda que, ao mesmo tempo que o bairro enfrenta ondas de grande violência, valoriza a questão cultural e promoção do patrimônio cultural, na tentativa de tirar o jovem do mundo da criminalidade e investindo na sua formação, gerando expectativas para um futuro melhor. O texto refere-se ao Centro Cultural Bom Jardim, uma ONG que trabalha para resgate da juventude.

Segundo dados do último censo, foi gerado um diagnóstico da escola, onde os estudantes apresentam, na sua grande maioria, um resultado médio de aproveitamento escolar. (Projeto Político Pedagógico — Catarina Lima da Silva — Fortaleza —Ceará, 2022).

A escola desenvolve projetos especiais como: clube do historiador, clube de leitura, clube de aprendizagem entre outros para melhorar a aprendizagem dos alunos. Destaca-se entre eles, o Clube do Historiador formado por 15 alunos (10 garotos e 05 garotas) das turmas de 8 anos e 9 anos da escola mencionada acima. Este projeto começou a ser desenvolvido na escola EEEP Marta Giffoni, em Acaraú no ano de 2012, para desenvolver aulas de campo para os alunos conhecerem o patrimônio acarauense, bem como para promover ações de educação patrimonial e cobrar a aplicabilidade da Lei nº 1199/ 2007 de 10 de maio de 2007, que versa sobre o patrimônio cultural local e ações de educação patrimonial. A lei era desconhecida até mesmo pelas autoridades municipais e não era colocada em prática. O projeto almejava, ainda, mobilizar os alunos para a criação de um grupo de estudo sobre o patrimônio, bem como para produção e disseminação de

pesquisas científicas sobre o referido assunto. Em seguida, o trabalho foi apresentado à Câmara Municipal, demonstrando a necessidade de se ter cautela com a história local e de preservar os seus bens. Em seguida, marcou-se uma audiência pública na cidade para tratar da necessidade de uma lei que protegesse o patrimônio histórico. Posteriormente, foi ministrado a disciplina de Educação Patrimonial pelo IVA (Instituto Vale do Acaraú) e começou a disseminação da ideia entre os futuros professores de história. Em 2014, ocorreu a mudança para Fortaleza e a nova escola foi a EEEP Darcy Ribeiro. Em 2015, o clube participou de uma nova feira de ciências, desta vez com o tema do bairro histórico da Parangaba. Em 2016, o clube foi implantado na Escola Catarina Lima da Silva e está presente até esse momento.

Para a realização de uma aula de campo é necessário traçar objetivos, os conteúdos e conceitos a serem trabalhados em sala e desenvolvidos nesta atividade tão importante para tornar as aulas mais dinâmicas. Em um estudo do meio, o estudante não se depara com os conteúdos históricos na forma de enunciados ou já classificados a partir de conceitos. Ao contrário, é uma atividade didática que permite aos alunos estabelecerem relações ativas e interpretativas relacionadas diretamente com a produção de novos conhecimentos, envolvendo pesquisas com documentos localizados em contextos vivos e dinâmicos da realidade. Nesse sentido, os alunos se deparam com o todo cultural, o presente e o passado, o particular e o geral, a diversidade e a generalização, as contradições e o que se pode estabelecer de comum no diferente. (BITTENCOURT, 2009).

As turmas selecionadas para o desenvolvimento do projeto, foram as de oitavo e nono ano da escola Catarina Lima da Silva, oriundas do Clube do Historiador que tem o objetivo de valorizar o patrimônio cultural local e aumentar

o interesse pelas aulas de história. A pesquisa foi o resultado da execução de etapas planejadas e sequenciadas, conforme descritas a seguir:

I – Caracterização e levantamento de dados da pesquisa: Inicialmente foi trabalhada a sensibilização dos alunos, através das aulas de história, da importância da preservação do patrimônio cultural da cidade de Fortaleza. Em seguida ocorreu a produção de um mapa cultural do bairro histórico da Parangaba com o uso de imagens antigas e atuais, realizando um trabalho para mostrar as mudanças e permanências do lugar. Os trabalhos realizados em sala foram expostos durante a culminância da feira de ciências escolar.

II – Aula de campo: Realização da primeira aula de campo no bairro Parangaba, com alguns alunos do clube do historiador. Para o estudo do meio, foi levado um número reduzido de alunos devido à dificuldade de um transporte escolar cedido pela prefeitura.

III – Produção dos textos pelos alunos: Produção do texto sobre como eles entenderam o bairro e o seu histórico, a proximidade com a rua onde eles moram, a escola em que eles estudam, apresentando uma percepção histórica e espacial do cidadão, do indivíduo que habita o lugar, trazendo o aluno para uma ideia de territorialização, de pertencimento através do patrimônio cultural. Certeau (1980) enfatiza a prática das "caminhadas" como um modo de apropriação do espaço. Ele argumenta que, ao caminhar pela cidade, as pessoas traçam seus próprios itinerários e criam uma narrativa pessoal e única. Essas caminhadas permitem que indivíduos explorem o espaço de maneiras não planejadas, revelando aspectos da cidade que podem ser invisíveis em uma perspectiva mais ampla.

IV – Leitura do livro Parangaba do José Borzacchiello da Silva e discussão e apresentação em sala.

V – Produção de um documentário sobre o bairro Parangaba. Em processo de elaboração.

VI – Produção de maquetes sobre o bairro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A práxis, ao ser atingida, os alunos da escola Catarina Lima se tornarão verdadeiros agentes históricos, elaborando entrevistas e transcrevendo, organizando seminários, exposições fotográficas e mapas culturais sobre a importância do patrimônio histórico local, produzindo cordel, vídeos e outros documentos decorrentes das aulas de campo. Dessa forma, as aulas serão dinamizadas e ficará provado que o uso do livro didático ou a fala do professor, apesar de ser a didática mais comum, não é a única. As aulas de campo servem para auxiliar o processo ensino-aprendizagem, como o reconhecimento da realidade que envolve o aluno na compreensão e também na crítica das relações que se estabelecem nesse espaço.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo será investigar o ensino de História em uma escola de educação fundamental, o nível de interesse dos alunos pela disciplina e a importância da aula de campo como ferramenta didática pedagógica e o uso do patrimônio cultural para despertar o interesse nas aulas. Este estudo partiu da constatação de que a importância que os alunos atribuem à História em suas vidas decorre, na maioria das vezes, da interação entre teoria e prática. Os conteúdos tornam-se realmente significativos a partir do momento em que os discentes têm a oportunidade de vivenciá-los. A partir disso, investigamos o processo pedagógico, o “fazer” do professor de História, [PREENCHIMENTO DA REPI] Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 5, p. 1-19, 2024. <https://doi.org/10.18227/2675-3294repi.v5i.1.78343>

colocando em evidência o Trabalho Campo, como uma linguagem no processo de ensino e aprendizagem.

5. REFERÊNCIAS

BALTAZAR, A. Patrimônio cultural: técnicas de arquivamento e introdução à. Museologia. Batatais: Claretiano, 2011.

BARROS, Carlos Henrique Farias. ENSINO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E HISTÓRIA LOCAL. Universidade Salgado de Oliveira (PE), 2006. **BRASIL/MEC/SEF.** Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental 1º e 2º Ciclos História. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental 3º e 4º Ciclos História. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Lei nº 9.394/96 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação, 20 dez. 1996, Artigo 22.

BRASIL, Orientações Curriculares Para O Ensino Médio: Conhecimentos de História. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: Fundamentos e Métodos. Editora Cortez: São Paulo, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. (Org.). O Saber Histórico na Sala de Aula. Editora Contexto: São Paulo, 2009. (Repensando o Ensino).

BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo, T.A. Queiroz, 1979.

BURKE, Peter. A Escrita da História- Novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

CERTEAU, Michel de. Terceira Parte \ Práticas de Espaços. A invenção do cotidiano. Outras formas de fazer. Petrópolis, RJ. Vozes, 1994, p 169 220.

CERTEAU, Michel de. A Cultural no Plural. São Paulo: Papirus 1995, cap. 8. A Estrutura Social do Saber pg. 163-232.

Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo. Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

COMPANI, M., Carneiro, C.D.R. 1993. Os papéis didáticos das excursões geológicas. Enseñanza de las Ciencias de la Tierra, 1(2):90-98.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Política cultural, cultura política e patrimônio histórico**. Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania. Tradução. São Paulo.

DUBY, Georges. **O tempo das catedrais: a arte e a sociedade (980-1420)**. Tradução José Saramago. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.

DUBY, Georges; LARDREAU, Guy. **Diálogos sobre a Nova História**. Tradução Teresa Meneses. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

FICO, Carlos. **História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis**. O caso brasileiro. Varia História, Belo Horizonte, vol. 28, n. 47, p. 43-59

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A polifonia urbana expressa na oralidade**. Revista de História UFC, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 97.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Seminário da Prainha: limites e possibilidades da “ego história” como opção metodológica**. Revista de História Clio, Pernambuco, v. 25, 2007.

KNAUSS, Paulo. **Uma historiografia para o nosso tempo: historiografia como fato moral**. História Unisinos. vol. 12, número. 2, maio-agosto, 2008, pp 140-147.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão; 5ª edição; Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003; LEVI, Primo.

LORIGA, Sabina. **O eu do historiador**. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 10, dezembro 2012, pp. 247-259.

LORIGA, Sabina. (Org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. Editora Contexto: São Paulo, 2009. (Repensando o Ensino).

OHARA, JOÃO RODOLFO MUNHOZ. **Passado histórico, presente historiográfico': considerações sobre 'História e Estrutura' de Michel de Verteu**. HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA, v. 12, agosto 2013, pp. 197-212.

OLIVEIRA, R. P. **O engajamento político e historiográfico no ofício dos historiadores brasileiros: uma reflexão sobre a fundação da historiografia brasileira contemporânea (1975-1979)**. História da Historiografia:

International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 11, n. 26, jan-abri, ano 2008, 197-222.

Pinsky, Jaime. **As primeiras civilizações**. São Paulo 15^a ed, atual, 1994

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, 1992, p. 200 a 215.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PROST, Antoine. **Os tempos da história**. In: **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Cap. 5, p. 95-11-4.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Campinas-SP:Papirus, 1997.

RAMOS, Alcides Freire; COSTA, Cléria Botelho da; PATRIOTA, Rosângela.

Temas da história cultural. São Paulo: Hucitec, 2012.

Regina Abreu e Mário Chagas (Org) **Memória e Patrimônio. Contemporâneos**. RJ: DP & A 2003. Parte I. Patrimônio, Natureza e Cultura.

SANTOS, Luciana Souza. **O cotidiano e o não cotidiano na educação**. Artigo de mestrado. (s/d) In: www.uninove.br Acessado em: Novembro de 2012

SANTOS, N. M. W. **História, subjetividade e cultura em leituras sensíveis do Eu: um exemplo das escritas ordinárias de hospício** In: HISTÓRIA CULTURAL.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. 2o ed. São Paulo: Editora Scipione, 2009. Coleção Pensamento e Ação em Sala de aula.

VESENTINI, J.W. **Realidades e Perspectivas do Ensino de Geografia no Brasil**. In:

VESENTINI. J. W. (Org.) **O Ensino de Geografia no Século XXI**. Campinas: Papirus, 2004.

ZAMBONI, Silvio Perini. **Pesquisa em arte**. 1993. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. Acesso em: 31 maio 2023.

Teses e dissertações

LEAL, Daniela Filipa Ruas. **As saídas de estudo na aprendizagem de Geografia e da História**. Mestrado acadêmico em ensino de história e geografia no 3 ciclo do ensino básico e ensino secundário.

BRAUN, Ani Maria Swarovski. **Rompendo os muros da sala de aula: o trabalho de campo como uma linguagem no ensino de geografia**. Dissertação de

[PREENCHIMENTO DA REPI] Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 5, p. 1-19, 2024.

<https://doi.org/10.18227/2675-3294repi.v5i.1.78343>

mestrado apresentado no programa de pós-graduação em geografia como requisito mínimo para obtenção do título de mestre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. PPE

SANTOS, Flávio Batista dos. O ensino de história local na formação da consciência histórica: Um estudo com alunos do Ensino Fundamental na cidade de Ibaiti-PR

Entrevistas

Relatos de experiência de professores e alunos do ensino fundamental II da escola Catarina Lima da Silva (professores):

Suellen Rodrigues - ex Professora de História da Escola Catarina Lima da Silva. **Entrevista.** 25 de março de 2023.

Ana Raquel da Silva- Professora de Artes da Escola Catarina Lima da Silva. **Entrevista.** 28 de março de 2023.

Edson Lopes Pereira - Coordenador Pedagógico da Escola Catarina Lima da Silva. **Entrevista.** 10 de abril de 2023.

Lucas Miranda Silva - aluno do 8 ano da Escola Catarina Lima da Silva - membro do clube do Historiador. **Entrevista.** 10 de abril de 2023.

Milena Lopes Silva - aluna do 9 ano da Escola Catarina Lima da Silva. **Entrevista.** 10 de abril de 2023.

Fabiana Moraes de Carvalho - ex Diretora Escolar da EEEP Marta Giffoni – Acaraú. **Entrevista.** 10 de julho de 2023.

Gillenê Vasconcelos - ex coordenadora Escolar da EEEP Marta Giffoni – Acaraú. **Entrevista.** 10 de julho de 2023.

Elian Dias - ex Diretora Escolar da EEEP Darcy Ribeiro - Fortaleza Alzenir Medeiros - Ex professora de geografia da EEEP Darcy Ribeiro. **Entrevista.** 10 de julho de 2023.

Alisson Ribeiro Lopes - Ex aluno da EEEP Darcy Ribeiro e ex membro do Clube do Historiador. **Entrevista.** 15 de julho de 2023.

Bruno Freitas Almeida - Ex aluno da EEEP Marta Giffoni e ex membro do Clube do Historiador. **Entrevista.** 10 de julho de 2023.

Artigos de jornais

O Povo, O povo nos bairros - Parangaba, Fortaleza, 05.Set.2023.

NOGUEIRA, Thiara. Parangaba: Bairro comemora 91 anos com muita história para contar. **O Povo**, O povo nos bairros - Parangaba, Fortaleza, 29.out.2012.

NOGUEIRA, Thiara. Parangaba: Bairro comemora 91 anos com muita história para contar. **O Povo**, O povo nos bairros - Parangaba, Fortaleza, 29.out.2012.

Bairro comemora 91 anos com muita história para contar. **O Povo**, O povo nos bairros - Parangaba, Fortaleza, 29.out.2012.

CUSTODIO, Gabriela. Parangaba e a briga para manter a sua história viva. **O Povo**, O povo nos bairros - Parangaba, Fortaleza, 27.out.2021

Thiara. Patrimônio Histórico sob a sombra do esquecimento. **Diário do Nordeste**, O povo nos bairros, Parangaba, Fortaleza, 29.out.2012

SOBRE OS AUTORES

Autor 1. Mestrando acadêmico em História, Cultura e Espacialidades UECE. Especialista em Teoria e Metodologia da História (Universidade Vale do Acaraú - UEVA, Graduado em Licenciatura em História (Universidade Vale do Acaraú - UVA), atuando como Professor de História, Escola Catarina Lima.

PARA CITAR ESTE ARTIGO:

PENHA, F. E. S. AULA DE CAMPO E ENSINO DE HISTÓRIA. Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 6, p. 1-19, 2024.

Submetido em: 30/08/2024

Revisões requeridas em: 19/09/2024

Aprovado em: 10/10/2024